



A VIDA DE UMA FORMA DE VIDA: REVERBERAÇÕES PÓS-COLONIAIS SOBRE A PESQUISA ETNOMATEMÁTICA

Juciara Guimarães Carvalho¹

Jackeline Rodrigues Mendes²

História da Matemática, História da Educação Matemática e Cultura

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar reverberações pós-coloniais de uma pesquisa de mestrado que teve como propósito investigar o tempo e espaço que habitam os jogos de linguagem entre pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandai/RS e evidenciar racionalidades matemáticas que emergem desses modos de habitar o tempo e espaço. As águas que conduziram esta inquietação fluíram por uma perspectiva outra de pensar a Etnomatemática na qual o esforço não estava em pinçar racionalidade que se encontra com a matemática escolar/acadêmica, mas sim fazer pulsar a vida da forma de vida em um saber, um jogo de linguagem (matemático). Nossas ondas de escrita apresentam percursos investigativos com reverberações de um pensamento pós-colonial, a partir das provocações de Boaventura Santos, que pode potencializar um olhar cuidadoso do pesquisador que se propõe a participar de uma outra forma de vida, sentido proposto no segundo Wittgenstein, sendo possível ou não estabelecer semelhanças de família.

Palavras Chaves: Jogos de linguagem. Tempo. Espaço. Pensamento pós-colonial. Contra-epistemologia.

Afinando silêncios: formas de vida outras...

Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim, porque não há um único silêncio. E todo o silêncio é música em estado de gravidez.

Quando me viam, parado e recatado, no meu invisível recanto, eu não estava pasmado. Estava desempenhado, de alma e corpo ocupados: tecia os delicados fios com que se fabrica a quietude. Eu era um afinador de silêncios (COUTO, 2009, p. 13-14).

Lançamos mão de um exercício sensível e corporal para escutar os silêncios e as formas silenciadas de vida com a intenção de provocar reverberações, mesmo que ainda silenciosas, de um pensamento pós-colonial. Trata-se de tecer os delicados fios da quietude do Outro, dos Outros, de ver com olhos outros e sentir com o corpo todo, de experienciar outras águas, de embarcar em uma aventura cuja vida flutua, de viver um *presente vivo* que é constituído por sons, cores, falas, silêncios, gestos, expressões, afectos entrelaçado com a maré, o vento e a lua. Um

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. E-mail: juciaragcarvalho@gmail.com

²Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. E-mail: rodrigues@mpc.com.br

silêncio, uma pausa, para suspender os automatismos que paralisam e unificam os modos de ver o *Outro*, uma espera para torna-se *outro* diante do encontro com os encontros possíveis ao participar de diferentes formas de vida.

Nossa intenção é potencializar possíveis atravessamentos éticos, epistemológicos, inspirados por um pensamento pós-colonial, ao tecer entendimentos sobre a vida da forma de vida e seus jogos de linguagem (matemáticos) que reverberam no campo de pesquisa da Etnomatemática. Afinal, *Antes de nascer o mundo*, como nos provoca Mia Couto (2009), nascemos para deslocar (estando parados ou não, sozinhos ou não) os modos universalizantes, hegemônicos e coloniais do conhecimento. Nascemos para viver em “um espaço que irrompe, um espaço de acontecimento, um espaço de olhares, gestos, silêncios e palavras irreconhecíveis, inclassificáveis e irreduzíveis” (SKLIAR, 2003, p. 97), onde o tempo é “outro tempo, um tempo outro, uma insistência para um além” (ibidem, p. 48).

Para este movimento, vamos organizar nossas linhas de escrita em três tempos: primeiro, a apresentação de recortes da pesquisa de mestrado³ realizada por Carvalho (2016) que evidencia o olhar etnomatemático, numa perspectiva pós-estruturalista, apoiado às lentes teóricas de Wittgenstein (2014) com as noções de forma de vida, jogos de linguagem, gramática e semelhanças de família; de Foucault com as noções de regime de verdade, jogos de saber/poder e com as contribuições de Deleuze e Guattari (1988,1997,2009) ao proporem as noções de tempo *cronos/aion* e espaço *liso/estriado*. Segundo tempo, em que fazemos intervir as reverberações do pensamento pós-colonial como uma força potente de problematização envolvendo os silêncios dos Outros, os nossos silêncios. Trata-se de viver “*a morte sem mortos*” (COUTO, 2009, p.27) do conhecimento que opera como sendo uma contra-epistemologia, ecologias de saberes, inspirada na obra organizada por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses intitulada

³ A pesquisa de mestrado, concluída em 2016, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Glavam Duarte, foi desenvolvida com quatro pescadores artesanais carinhosamente chamados de *Camaradas d'água*. Com efeito, também denominados cada um por: *pescador-maricultor* (bairro Santo Antônio de Lisboa) e *pescador-temporário* (bairro Barra da Lagoa) ambos moradores de Florianópolis/SC e, *pescador-tarrafa* (bairro Barra do Tramandaí) e *pescador-caíco* (bairro Tirolesa) ambos em Tramandaí/RS. Embora façam parte da mesma prática, pesca artesanal, cada um deles apresenta um modo de ser e estar pescador artesanal. Isso implica que participam de formas de vida distintas e jogos de linguagem distintos.

Epistemologias do Sul (2010). No terceiro tempo, entrelaçaremos estes fios para afinar ou não os silêncios que ecoam.

Para efeito de uma apresentação destes recortes e os movimentos teórico-metodológicos realizados, propomos um mergulho-convite para que o leitor tire os pés do chão e permita-se flutuar, navegar por águas outras. Estas águas mostram um modo de viver um tempo e habitar um espaço outros - presentes nas formas de vida de pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS -, que coloca em funcionamento uma prática cultural e um saber fazer (matemático). O mergulho exige um deslocamento do sujeito pesquisador para deixar-se afectar pelo *presente vivo* do *Outro*, aproximar, questionar, sentir e participar destas formas de vida e tentar perceber como articulam seus saberes na prática da pesca artesanal. Um desprendimento da racionalidade matemática acadêmica e escolar para perceber outros modos de pensar matematicamente. Em outras palavras, é preciso deixar-se fisgar pela isca da desterritorialização. “*A partir de agora deixou de haver aonde (...)*” (COUTO, 2009, p.19).

Vidas que flutuam, vidas que pulsam vida...

A vida é demasiado preciosa para ser esbanjada num mundo desencantado (COUTO, 2009, p.23).

As águas de cada *mar-lagoa* abrigam formas de conhecimento e princípios de diferenciação de sensações e percepções. Cria-se um espaço vivo que pode flutuar, deslizar e misturar os caminhos ao criar condições para territorializar, desterritorializar e re-territorializar. Desse modo, a intenção de pesquisa se dá ao gerar visibilidade às interlocuções entre os saberes envolvendo o tempo e o espaço com a finalidade de experimentar a pluralidade de possibilidades ao pesquisar diferentes formas de vida, ou seja, pensar Educação Matemática e a própria Etnomatemática a partir de outros lugares.

Trata-se de realizar o que Foucault (1999), em sua obra *Em defesa da sociedade*, mais especificamente na *Aula de 7 de janeiro de 1976*, chama de insurreição dos saberes que foram sujeitados, sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade. Fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia a hierarquia do conhecimento e da

ciência. “Tratava-se do saber histórico das lutas” (FOUCAULT, 1999, p. 13). Em outras palavras, intervir o “saber das pessoas” que “não é de modo algum saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas a contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam” (ibidem, p.12).

Faz-se necessário *educar a atenção* para além do corpo praticante, sentir com o corpo todo, pois é de “dentro do processo da vida das pessoas no mundo que todo conhecimento é constituído” (INGOLD, 2010, p. 23). Permitir-se aprender com outro significa entender que há tempo outro no modo de ser dos *Camaradas D’Água*: as marés (água), os ventos e a lua (fases da lua). Assim, mais desafiador do que buscar entender o tempo e o espaço do *Outro* é tramar essas linhas móveis em um emaranhado de semelhanças de família e tecer redes outras de descontinuidades. Aprendemos que o mundo da pesca artesanal apresenta um tempo que pode ser dividido em *cronos* e *aíon* e um espaço que pode ser *liso* e *estriado*. Ambos estão atrelados ao movimento das eventualidades de todo dia, o acontecimento.

O jogo de linguagem utilizado pelo *pescador-maricultor* tem como regra o movimento das marés,

“É como tivesse hora marcada, a maré diz pra gente se compensa ir pescar, só olhando já sabe. Hoje, por exemplo, tem que pescar a enchente porque a maré vai encher com força e o vento é nordeste, entendesse? Mas já não dá, porque a rede de peixe tá em cima. A rede de peixe tem que botar umas três horas n’água, umas três horas da tarde, o peixe malha das três horas em diante até o anoitecer. Então, tem que ter o horário para botar (...)”. (Entrevista realizada em 05-05-2014, *pescador-maricultor*)

Ao considerar a simultaneidade das marés como sendo a medição do tempo e que a própria maré torna-se a unidade de tempo e, situa-se para além do tempo que corre no relógio com a rigidez dos ponteiros. Isso implica que a(s) maré(s) não só atua como agente principal que marca a hora, a decisão, a partida para ir pescar, os tipos de rede que serão utilizadas, mas também determina o tempo que a pesca dura, a parada da pescaria, ou ainda, as diferentes durações que são colocadas a operar na prática da pesca no lugar onde ela acontece.

O jogo de linguagem utilizado pelo *pescador-temporário* é regrado pela temporada da pesca da tainha. “A pesca é uma festa! Mas também é uma espera”. Uma espera que é marcada pelos dias e meses que correm no calendário a anunciar o tempo o tempo de pesca, que ocorre no mês de maio e se estende até

julho, ou seja, espera-se pelo peixe. É um tempo de festa, de encontros e reencontros, de “*corre-corre deslizando a canoa para o mar*”, de um *tempo vivido* em constante atenção, concentração, organização e seriedade imerso nas e pelas relações de poder estabelecidas tanto individuais quanto coletivas,

“O peixe não tem hora. A gente fica na expectativa né, fica lá no rancho agora, toma um café e espera, fica lá, pode não vim mais nada, pode vim, pode dá mais um, ou pode dá mais dois ou pode dá mais cinco [lances de tainhas], pode ser de noite, pode ser agora. A regra da pesca é que não tem regra um dia pesca bastante, outro dia nada” (Entrevista realizada em 20-05-2014, pescador-temporário)

Situado neste movimento de “corre-corre”, o *pescador-tarrafa* corre na beira da praia lançando sua tarrafa, o peixe que passa e o boto que “*pula faceiro*”, compondo um território outro de pesca artesanal. O movimento de bagunçar, correr, lançar, passar e pular enunciam outros possíveis modos de ser pescador que em suas individualidades constituem um coletivo sem ser grupo, fazem de suas tarrafas um membro e extensão do próprio corpo, e dos botos os melhores “*camaradas*” que podiam ter,

“O boto mostra de biquinho, fica bem empézinho mesmo, ou ele pula de lado né, então ta passando peixe ali, aí gente bota a tarrafa ali perto. Às vezes bota mais no seco, às vezes mais para fora, depende como a gente se baseia na pescaria. É conforme a pescaria quem conhece já sabe, já ta acostumado. Às vezes a gente vê o peixe passando, mas na maioria das vezes o boto mostra para gente, já tem conhecimento”. (Entrevista realizada em 07-10-2014, pescador-tarrafa)

A presença do boto significa que “*o mar está pra peixe*”, ou seja, o dia é bom para a pesca mesmo sem conferir as condições ditadas pela maré, vento e lua.

Cada território de pesca cria, por meio da convenção social e cultural estabelecida, seu *regime de saber* e, portanto, seus modos de agir e pensar no *presente vivido*, no tempo ou no espaço,

“Tu bota a rede e vai jogar a com sorte. Tu aposta numa coisa e tomara que dê. É um jogo! Tu bota tua rede lá prepara da tua maneira. Cada um tem um modelo, prepara de uma maneira, um coloca a rede bem atada, outro bem esticada, outro atravessada. Cada um faz de um jeito. Ah, minha rede hoje vou pegar bem aí tu chega lá não tem nada. E no dia que tu acha que não tem nada, chega lá tá cheio. A pesca é uma espera, é uma tocaia. Tu fica ali esperando. O peixe entra bati ali e tu fica esperando”. (Entrevista realizada em 10-10-2014, pescador-caíco)

Com as idas ao *mar-lagoa* podemos observar que a organização dos *pescadores-caícoé* constituída pelo grupo, mas acontece na sua individualidade. O jogo de linguagem temporal e espacial do *pescador-caíco* inicia com um sorteio que indica a posição inicial de cada pescador, mesmo que ela represente uma posição de espera para entrar no jogo, e segue a contagem do tempo realizada pelas balizas numeradas, dispostas na lagoa.

Além disso, podemos perceber que, mais do que pescadores artesanais, eles são *Camaradas D'água*, mas também camaradas de força, de persistência, de atenção, de simplicidade, de fraternidade, de expectativa, de espera, de calma, de saber e de poder. Os jogos de linguagem (matemáticos) utilizados pelos *Camaradas D'água* ensinam a prestar atenção àquilo que nos cerca, como o movimento da maré, o sopro do vento, a fase da lua, o correr do peixe, a pegada na areia. No mundo da pesca artesanal, o tempo permite ter tempo, mas não um tempo clichê contado pela rigidez dos ponteiros. Falamos de um tempo outro que se mistura, se divide, escapa, flui, corre e para. O tempo é peixe. Contudo, não só o tempo, mas também o espaço é peixe. Um espaço liso, nômade, simples e, vivo que flutua, desliza e mistura os caminhos ao criar condições para territorializar, des-territorializar e re-territorializar.

Isso implica que, nesta busca de compreender o tempo e espaço do Outro, tecemos entendimentos de que, mais do que medir o tempo, ele é vivido. Mais do que medir o espaço, habita-se nele. Os *Camaradas D'água* inventam um tempo e habitam um espaço que enunciam saberes a partir/com os olhos, o espírito e o corpo todo. Estão situados no “aqui e agora” com “os “aqui” e os “agora” sempre em vias de atualizar-se. Em suma, “viver a vida que decidiram viver justifica-se pela maneira como essa vida afetará outras vidas” (KOHAN, 2015, p. 110). Afinal, um tempo e um espaço inventado por uma forma de vida outra pode potencializar o nosso modo de viver e de fazer escola na escola.

Um tempo e espaço possivelmente descolonizado...

O acidente no riacho não me inibiu. Pelo contrário, continuarei regressando à curva do rio e, no remanso das águas, me deixava afundar. E ficava tempos infintos, olhos deslumbrados, visitando o outro lado do mundo. Meu pai nunca soube mas foi ali, mais do que em outro lugar qualquer, que apurei a arte de afinar silêncios (COUTO, 2009, p. 28).

Um mundo e o outro lado do mundo. Ou estamos de um lado da linha ou estamos do outro lado da linha. “Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis” (SANTOS, 2010, p. 31-32). Vivemos aprisionados, colonizados, em um pensamento que Boaventura de Sousa Santos (2010) denomina de um pensamento abissal cuja característica fundamental é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Isso nos faz dizer que o modo de conceber as formas de conhecimento, as formas de vida, o

tempo e o espaço são atravessadas e limitadas por este pensamento. Em contraponto, vale, então, correr os riscos da aventura de borrar as fronteiras, re-existir a copresença, e lutar por um novo pensamento, um pensamento pós-abissal, pós-colonial.

Inspiradas por este movimento, buscamos um fazer reverberar, a combinação verbal foi proposital, pois referimos uma epistemologia outra, uma ética outra que intervenha uma ecologia de saberes que se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia (SANTOS, 2010). Assim como considerar um tempo e um espaço descolonizado como agentes potencializadores de uma contra-epistemologia. Para tanto nos alinhamos às contribuições de Boaventura de Sousa Santos quando problematiza o pensamento abissal, o domínio colonizador, a epistemologia dominante e lança mão de uma ecologia de saberes. Isso nos desloca para o zigue-zague entre a mão e a contramão de pensar a Educação Matemática, a Etnomatemática e a temática do tempo e espaço que está proposto.

Iniciamos pela provocação que parece familiar, mas ao olhar de perto nos paralisa quando o que está em questão é sua validade: o que se entende por epistemologia? Para Santos e Meneses (2010, p.15), epistemologia “é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais”. Apesar daquilo que é tido como válido os autores chamam a atenção que uma ou várias epistemologias estão sempre copresentes silenciadas nas experiências sociais.

Esse olhar pós-colonial nos faz questionar a ideia de uma epistemologia dominante com pretensão de universalidade que conduz o pensamento abissal ocidental que sempre produz e radicaliza distinções (SANTOS, 2010). O pensamento abissal estabelece a linha entre o verdadeiro e o falso com o poder de conferir validade em detrimento de outros, promovendo dicotomias como a de conhecimento científico e não-científico. Em outras palavras, “a sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer” (ibidem, 2010, p. 33). Por exemplo, o

conhecimento científico de um lado e os saberes “das pessoas”, assim como sugere Foucault, do outro lado.

As linhas abissais globais instituíram o grau zero a partir do pensamento colonial e que por sua vez, ditam as concepções de conhecimento e de direito. Ou ainda, criam a negação do outro lado da linha, do Outro, que silencia e é silenciado. “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2010, p. 39). Neste sentido, é possível afirmar que o tom colonizador ainda ressoa em nossas práticas mesmo que haja o esforço de mascará-las. E se pensássemos no âmbito da Educação o quanto os processos de escolarização são e estão sujeitos às linhas abissais.

Cria-se na luta epistemológica uma dimensão ética que faz pulsar a pluralidade, a diversidade e exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal. Para Santos (2010, p.51) o pensamento pós-abissal “parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada. Por outras palavras, a diversidade epistemológica do mundo continua por construir”. Desse modo, é fundamental estabelecer a copresença radical dos dois lados da linha em uma relação de simultaneidade, sem, contudo, realizar juízo de valor.

Neste sentido, “o conhecimento é interconhecimento” e assim, produz a ecologia de saberes que nada mais é do que uma contra-epistemologia (SANTOS, 2010, p.53). Este é o lugar onde podemos “apurar os silêncios” no qual o conhecimento é disparado de modo plural e propositivo como intervenção do real, ou seja, um conhecimento que se dá na e pela prática social e cultural. E, portanto, um “processo de aprendizagem conduzido por uma ecologia de saberes, é crucial a comparação entre o conhecimento que está a ser aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido” (ibidem, p.57).

A copresença de diferentes formas de conhecimento que constituem diferentes formas de vida requer um tempo e um espaço descolonizado que operam diferentes maneiras na produção de uma vida outra que pulsa na intensidade do *presente vivido*. O tempo não será mais considerado como linear e absoluto, mas múltiplo e relativo, ao passo que o espaço estará estilhaçado de possibilidades ao considerar não mais a ciência como espaço dominante do conhecimento. Em outras palavras, viver a partir de uma ecologia de saberes exige potencializar diferentes

tempos e espaços de modo que esqueçamos, ou até mesmo desaprendemos, a enumerabilidade, a mensurabilidade, o controle, a fixidez que estes conceitos têm operado até então.

Diante disso, podemos afirmar que o não reconhecimento de epistemologias, no plural, implica permanecer com o pensamento colonizado e assim, recai novamente na armadilha das linhas abissais que produzem e radicalizam as distinções hierárquicas. É preciso um pensamento alternativo de alternativas de modo que, as formas de conhecimento possuam, antes de tudo, um caráter político. Um conhecimento que age no corpo possibilitando, mente e corpo num só, ser afetado e se colocar no mundo pelos caminhos éticos de uma politicidade da produção de significados na ação.

Assim, cabe falar em reverberações pós-coloniais para pensar e problematizar a Educação Matemática e a Etnomatemática dentro da temática de um tempo e espaço outro possível. Buscamos soltar as amarras das linhas abissais, intervir as vozes silenciadas dos pescadores artesanais, *Camaradas d'água*, não apenas para legitimar sua existência, a racionalidade (matemática) que emerge desta prática, mas aprender com eles e fazer proliferar a ecologia dos saberes. Afinal, a aprendizagem está dentro da forma de vida da qual participamos em conexão com outras formas de vida.

Uma vida para descolonizar, uma vida para viver...

A complexidade de juntar os fios sem a pretensão de arrematá-los, tornar um nó, nos exige um cuidado, uma delicadeza, que está muito próximo da sensibilidade que deve ter uma pesquisadora e um pesquisador etnomatemático. Trata-se mais de um exercício de escuta do que de fala, mais de deslocamento do que de comodidade, mais de conhecer o Outro do que conhecer o outro que penso ser. Um exercício de fazer pulsar a vida de uma forma de vida por ela mesma e não a forma que desejo que esta vida tenha. Neste sentido, a vida está em primeiro plano e nela habita a ecologia de saberes em devir, cabe descolonizá-la. Assim, antes de pensarmos uma forma de vida escolar, uma forma de vida de pescadores artesanais, uma forma de vida acadêmica pensamos em vidas que habitam um tempo e um espaço em intensidades à sua maneira.

Romper com o pensamento abissal não é fácil. Mas se não existisse a escola, a vida deixaria de existir? Certamente não! Então, o nó continua sendo o poder sobre a vida ou o poder sobre a morte que insiste traçar as linhas que delimitam o que está, o que pode e, quem decide o que pode estar de um lado da linha e de outro lado da linha. Quando não percebemos que a própria linha, se ela realmente tem a necessidade de existir, é múltipla. Ela se bifurca em cada ponto proliferando a pluralidade das formas de conhecer e de viver. Deste modo, nosso movimento continua sendo perguntar como a Educação Matemática e mais especificamente a Etnomatemática tem feito e faz pulsar a vida?

Referências

CARVALHO, J. G. *“O mar está pra peixe”:* tempo e espaço em jogos de linguagem matemáticos de pescadores artesanais. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

COUTO, M. *Antes do nascer do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, 5 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Revista Educação*, Porto Alegre, v.33, n.1, p. 6-25, 2010.

KOHAN, Walter Omar. *O mestre inventor: relatos de um viajante educador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.), (2010), *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez, 2010.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.), (2010), *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez, 2010.

SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.